

SETEMBRO/2018

# VOZ DA COMUNIDADE

PÁG. 8

## LEIA A HISTÓRIA DA DONA DOCA

PÁG. 4 e 5

## PROJETOS DAS CASAS NA PONTA DO LÁPIS



PÁG. 7

## MAIS AMOR PELOS ANIMAIS





# OUVIDORIA: UM CANAL PARA DENÚNCIAS

A sociedade tem diversos canais para falar e ser ouvida pela Fundação Renova. A Central de Relacionamento, no 0800 031 2303, é o meio mais prático para esclarecer dúvidas dos atingidos, além de receber reclamações e sugestões sobre o processo de reparação nos territórios.

Porém, quando a manifestação é uma denúncia ou o motivo do contato é o relato de algo que feriu algum princípio moral e ético, o melhor é procurar a Ouvidoria.

Ligada ao Conselho Curador, que participa das decisões da Fundação, a Ouvidoria segue o Código de Conduta, documento que orienta como os profissionais a serviço da Fundação devem trabalhar e se relacionar.

A Ouvidoria assegura que todas as manifestações dos canais de relacionamento serão registradas e respondidas. Também recebe denúncias sobre a atuação dos colaboradores da Fundação se há casos de fraudes, má intenção, desvio de conduta, desrespeito aos direitos humanos e descumprimento de obrigações.

Transparência e respeito à privacidade estão garantidos. No contato, a pessoa pode se identificar ou não. Quem se manifesta na Ouvidoria recebe um número de protocolo e pode acrescentar informações e acompanhar a apuração.

## As manifestações podem ser registradas nos canais:



0800 031 2303



ouvidoria  
@fundacaorenova.org



canalconfidencial.com.br/  
fundacaorenova

## EXPEDIENTE



JORNALISTA RESPONSÁVEL:

JÚNIA CARVALHO - REG. 4247 - MG

REPORTAGEM

JÚNIA CARVALHO & LEANDRO BORTOT

PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO:

COLETIVO É!

NUCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE:

ZÉU COSCARELLI

BETO GUIMA

MARLON OSSILIERE

PARTICIPE DO GRUPO DE COMUNICAÇÃO E ESCREVA COM A GENTE ESTE JORNAL

GRUPO DE COMUNICAÇÃO:

CLÁUDIA ALVES, FRANCISCO (NEGÃO), IZOLINA IZAÍAS, JÚLIO SALGADO, KEILA VARDELE, WLIANE TETE, VANESSA ISAÍAS, VERA LÚCIA DA PAIXÃO E ZEZINHO CAFÉ.

FOTOS DE CAPA:

THIAGO BARCELOS, SHUTTERSTOCK

REVISÃO:

TUCHA

TIRAGEM:

1.500 EXEMPLARES

AS OPINIÕES EXPRESSAS NESSE JORNAL, POR PARTE DE ENTREVISTADOS E ARTICULISTAS, **NÃO EXPRESSAM** NECESSARIAMENTE A VISÃO DA FUNDAÇÃO EM RELAÇÃO AOS TEMAS ABORDADOS, SENDO, PORTANTO, DE **RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES.**

## CAFEZAL DE LEMBRANÇAS

Desde outros tempos, muitas famílias de Paracatu de Baixo tiraram o sustento de suas casas trabalhando nos cafezais próximos ao terreno de Lucila. Era ali perto, numa terra do seu Expedito, que dona Efigênia Benta, uma forte mulher de 92 anos, se sentia completa. “Por mais de 50 anos plantei e apanhei café o dia inteirinho. Era tão gostoso”, comenta.

O dia começava cedo. Às 6h da manhã, ela e cerca de 10 companheiras da comunidade seguiam estrada afora, em uma hora de caminhada, para chegar até o cafezal. Os homens abriam as covas de café com enxada, enquanto as mulheres preparavam as sementes e plantavam as mudas apertando a terra com jeito e firmeza. “Depois de um tempo, ficava tudo verdinho”, diz Efigênia.

Durante a colheita, que acontecia entre maio e setembro, as companheiras estendiam lençóis pelas carreiras para apanhar os grãos. “As galhas chegavam a entortar de tanto café. Era só passar a mão que soltava tudo. Os homens juntavam os sacos e levavam para secar”, ela conta. Efigênia diz que

o trabalho era muito alegre. “Tinha dias que, na hora do almoço, a gente sentava embaixo de uma árvore para chupar manga e esquecia de comer as marmitas. Era motivo de risada”, se recorda.

No fim do expediente, às 15h da tarde, as companheiras se gritavam para irem embora. Nem sentiam o tempo passar na caminhada de volta, que era cheia de conversas. Ao chegar em casa, ainda dava

tempo de cuidar da horta, dos animais, de catar madeira e de passar um café no fogão a lenha para receber a numerosa família. Foi assim que Efigênia criou seus 12 filhos.

Certa de que tudo na vida acontece por um motivo, a amável senhora se agarra na esperança de voltar pra roça e não nega: “a idade não vai me atrapalhar de apanhar café de novo”. Que assim seja!





## PROJETOS DAS MORADIAS DE BENTO RODRIGUES NA PONTA DO LÁPIS

No início de agosto, a Secretaria de Estado de Cidades e de Integração Regional (Secir) e a Prefeitura de Mariana autorizaram o início da construção de Bento Rodrigues. Os primeiros passos são realizar a retirada da vegetação e a adequação do terreno para fazer obras de pavimentação, drenagem, redes de esgoto, distribuição de água e de energia. Enquanto isso, três grupos que somam 89 famílias atingidas foram convidados para começar a construir os projetos das casas onde vão morar.

Ainda que o Cadastro Integrado não tenha sido finalizado, foi acordado entre atingidos, sua Assessoria Técnica, Ministério Público e Fundação, iniciar a conversa com as famílias sobre o desenho das casas assim que concluíssem o primeiro questionário do levantamento.

Nessa construção coletiva, o ponto de partida é garantir o que as famílias tinham antes. “Compreender os desejos, as necessidades e as expectativas das famílias, respeitando seu tempo de decisão, com a atenção e a qualidade que elas merecem, é o que direciona esse trabalho”, diz June Gomes, do Reassentamento.

### DIRETRIZES

As diretrizes do reassentamento estabelecem que o tamanho do lote e da casa deve ser igual ou maior do que o antigo, respeitando o mínimo de 250 m<sup>2</sup> para o terreno e de 75 m<sup>2</sup> para a área construída. A família tem direito de ampliar 20 m<sup>2</sup> em sua casa, se assim optar.

Se houve mudança na família, como o nascimento de um filho, é permitido acrescentar cômodos, respeitando as dimensões legais e o conforto dos moradores. Atingidos que moravam de aluguel ou em imóveis cedidos (cujo dono emprestou, por exemplo) têm os mesmos direitos que foram assegurados aos proprietários.

### COMEÇO

O planejamento para o desenho das casas foi aprovado pela comunidade. Tirar as ideias da cabeça e colocar tudo no papel requer diálogo, por isso, o trabalho foi dividido em etapas. Na primeira, a família e o arquiteto se conhecem, trocam experiências e expectativas. “É o momento de criar laços, entender o que os atingidos desejam, esclarecer os termos técnicos, a legislação e as

características de uma casa adequada para se morar”, explica June. Cada arquiteto é responsável por cerca de três famílias.

### DESENHO DAS CASAS

Os próximos encontros são para lembrar. A partir dos mapas desenhados pela Assessoria Técnica durante o Cadastro Integrado, a família é convidada a olhar para o passado e entender o presente, comparando as mudanças na família e na vida. Quem ainda não fez esse trabalho com a Assessoria Técnica poderá realizá-lo neste momento.

A partir das informações coletadas nas conversas e nos dados do Cadastro, os arquitetos elaboram uma proposta da casa e a apresenta para a família, que pode fazer quantos ajustes quiser até chegar no desenho que mais gostar.

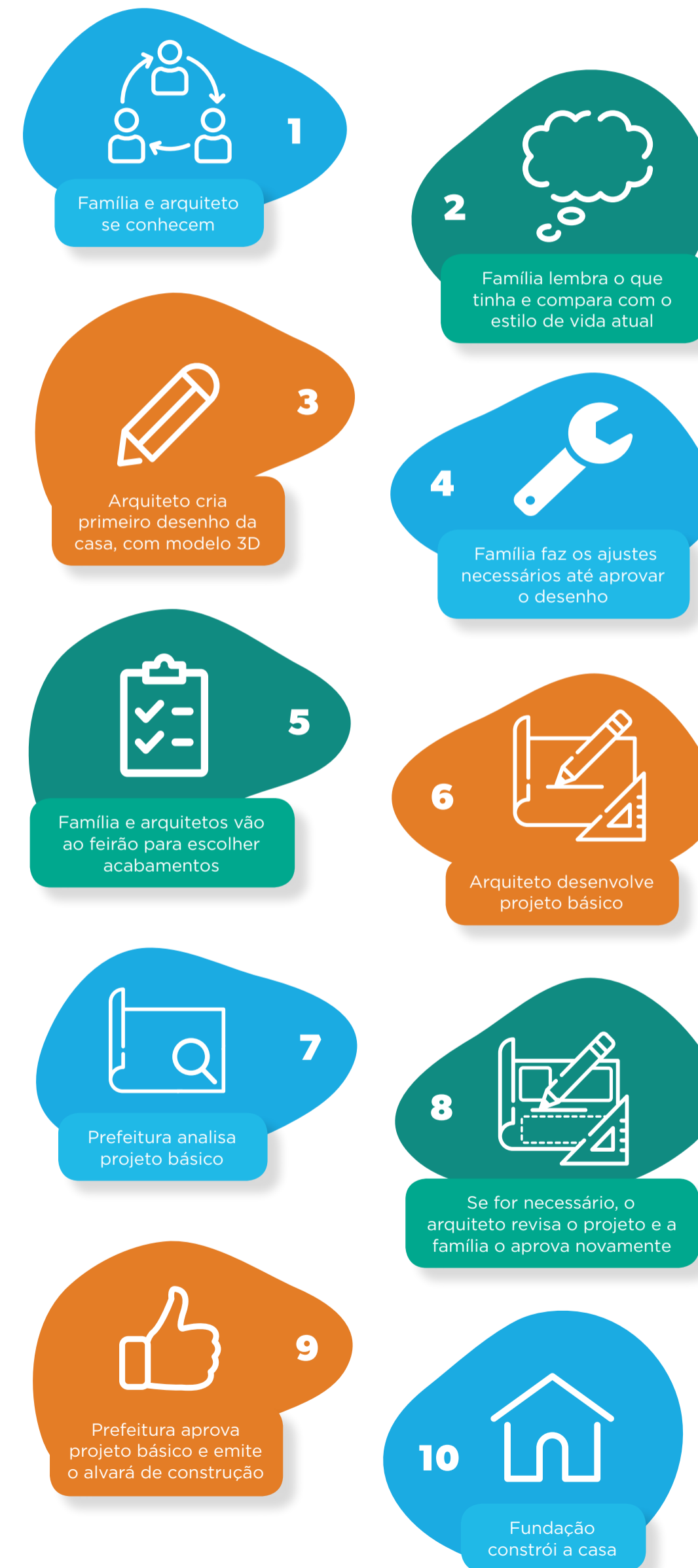
Depois disso, a família é convidada para ir a um feirão conhecer diferentes tipos de pintura, pisos, revestimentos, pias, metais sanitários, entre outros acabamentos. “A ideia é ter contato direto com o material, olhar, tocar, sentir a textura e escolher os que

mais agradam”, ressalta June. “O arquiteto acompanha, orienta sobre combinações, qualidade e durabilidade dos produtos, respeitando sempre as contribuições feitas pela família”, esclarece.

A etapa seguinte é dar vida ao projeto com desenhos do imóvel que mostram todas as informações para sua construção, como a distribuição de cômodos, as redes elétrica, de água e de esgoto, entre outras. O projeto é enviado para aprovação da Prefeitura de Mariana, que pode solicitar ajustes. Caso isso seja necessário, ele volta para reavaliação da família e depois é encaminhado novamente para análise do órgão municipal. Se aprovado o projeto, as obras podem começar. O prazo de execução das etapas é de cerca de três meses e não inclui o tempo de construção da casa. Esse período pode ser maior se houver necessidade de ajustes após envio à prefeitura.

De acordo com June, todas as famílias de Bento Rodrigues serão chamadas. “Na medida em que os grupos avançam, outros são chamados para participar do projeto das casas”, acrescenta. Se você ainda não foi chamado, comece a pensar sobre a casa que deseja morar, a partir da lembrança de como era, e discuta isso com a sua família.

## CONSTRUÇÃO DAS CASAS DE BENTO RODRIGUES



## FAMÍLIAS SOLICITAM ESCLARECIMENTO SOBRE MERENDA ESCOLAR

Os jovens que fazem parte do grupo de comunicação do Voz da Comunidade, além de sugerirem assuntos para o jornal, distribuem as edições de porta em porta, levantando temas, críticas e esclarecimentos que os atingidos gostariam de ler. Na entrega do último número, três mães de estudantes da Escola Municipal Paracatu de Baixo reclamaram da preparação e da conservação da merenda escolar, o que estaria causando, segundo elas, problemas alimentares. O Voz da Comunidade abriu espaço para que a diretoria da escola e a Secretaria Municipal de Educação se posicionassem. Em nota, disseram:

O Setor de Alimentação Escolar da Secretaria Municipal de Educação baseia suas ações, no que diz respeito ao atendimento da alimentação escolar fornecida aos alunos da educação básica, infantil, creches e EJA, em **normas, leis, resoluções e diretrizes** vinculadas ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). *Lei n.º 11.947, de 16 de junho de 2009 | Resolução n.º 26 de 17 de junho de 2013*

A equipe técnica deste setor é composta por nutricionistas que acompanham todo o desenvolvimento e processo das atividades relacionadas à merenda, desde sua aquisição, passando pelo recebimento, distribuição e preparação até a chegada do alimento para o aluno.

Ressaltamos que a merenda escolar é feita diariamente, dimensionada para o número de alunos correspondentes a cada escola e, por tal razão, não é reaproveitada.

A equipe de serventes e cozinheiras escolares passa por treinamentos e capacitações anualmente, além de receber visitas periódicas nas escolas da equipe técnica para suporte nas cozinhas.

Os cardápios são feitos seguindo parâmetros estipulados pelo PNAE, respeitando-se as faixas etárias, necessidades nutricionais, hábitos culturais e sazonalidades de produtos oriundos da Agricultura Familiar.

Os gêneros estocáveis são entregues quinzenalmente nas escolas, permitindo um controle mais preciso das datas de validade para o consumo seguro. Já os produtos perecíveis, como carnes, produtos de padaria e hortifrutigranjeiros, são distribuídos semanalmente e consumidos dentro da mesma semana em que são entregues.

Todos os produtos utilizados na merenda escolar são adquiridos pelo Município de Mariana com verbas próprias e com recursos provenientes de repasses do Governo Federal.

**Secretaria de Educação de Mariana e Diretoria da Escola Municipal Paracatu de Baixo**

A Escola Municipal Paracatu de Baixo está de portas abertas para que pais, responsáveis e demais cidadãos conheçam suas instalações, procedimentos de produção e de distribuição de merenda e possam esclarecer quaisquer dúvidas em relação ao assunto.



# ANIMAIS RESGATADOS RECEBEM VISITAS DE SEUS DONOS

Toda semana, Wliete Tete, de 15 anos, tem um compromisso certo. Ela vai à Fazenda Asa Branca, que fica a 20 minutos de Mariana, visitar Perrepi, um cãozinho de quatro anos que pertence à vó Leontina, mas que ela considera seu.

Perrepi foi resgatado pouco antes da lama passar por Paracatu de Baixo. Daí, foi levado à fazenda, onde estão outros 65 cachorros e quatro gatos que não podem ser criados por suas famílias nas moradias temporárias ou que não possuem dono, mas estão disponíveis para adoção. “Perrepi estava acostumado a ficar no terreiro e minha mãe não quis que ficasse preso no apartamento, por isso venho sempre. Ele sente saudade”, conta a estudante.

## LAÇOS DE AFETO

A ideia das visitas é manter os laços de afeto com os donos até viverem juntos de novo. Quando os proprietários não vão, os bichinhos ficam tristes. Para o veterinário Rafael Matos, alguns atingidos não visitam seus animais porque têm medo deles sofrerem após o encontro. “Tentamos mostrar que é fundamental não perder o vínculo, porque

pode ser difícil recuperar isso depois”, afirma.

Tratadores e veterinários trabalham em conjunto para manter os pequeninos saudáveis. A divisão em baias é feita por tamanho, temperamento e afinidade. Eles são castrados, vacinados, vermifugados e medicados, caso fiquem doentes. Até que o reassentamento seja finalizado e as famílias possam receber novamente seus animais em suas moradias, eles ficarão sob responsabilidade da Fundação.

## ANIMAIS DE GRANDE PORTE

Bois, vacas, cavalos, porcos e burros também recebem visitas de seus donos na Fazenda Bom Retiro. O lugar possui cinco pastos, onde os animais são acompanhados para manterem a criação das antigas propriedades.

Manoel Marcos Muniz, o Marquinhos, de Bento Rodrigues, observa seus bois com papel e caneta na mão e troca informações com os veterinários. “Não é como se estivessem na minha terra, mas temos liberdade de sugerir e

de pensar o manejo junto com os profissionais”, ele conta. “O que precisa melhorar é a segurança, para evitar furto de animais”, recomenda.

Segundo Marquinhos, a visita relembra a rotina na comunidade. “Ocupo meu tempo vendo o pessoal trabalhar e conversando com outros atingidos. Acaba sendo uma terapia”, comenta.



**Quer visitar seu animal?**  
As visitas aos animais de pequeno porte acontecem na terça e aos de grande porte na quarta. Uma van gratuita sai do Centro de Convenções de Mariana às 9h30 e o horário de retorno é combinado com os visitantes.

Wliete e seu cãozinho Perrepi



## HISTÓRIAS DE BENTO

Bento Rodrigues é uma comunidade que tem muitas histórias. O Voz da Comunidade conheceu a dona Doca, o seu Barbosa e o Zezinho do Bento e conversou com eles sobre suas vidas, momentos marcantes, saudade e futuro. Confira!

### BENZEDEIRA DE SENTIMENTO



Foto: Thiago Barcelos

Devota de Nossa Senhora e benzedeira, Diomar Amélia Oliveira, a dona Doca, de 89 anos, é dessas mulheres fortes, que nasceram com o dom da cura e utilizam a fé para melhorar a vida das pessoas.

Na sua antiga casa, em Bento Rodrigues, não havia energia ruim que resistisse ao velho crucifixo do marido - que se perdeu na lama -, às orações, banhos abençoados e plantas medicinais. Eram instrumentos que a benzedeira utilizava para abrir caminhos, limpar mau olhado e “curar sentimentos”

de quem pedia ajuda, principalmente das crianças inquietas, cujos pais tinham dificuldade na hora de dar comida e de estudar.

Por isso, a rotina de dona Doca era muito agitada. Sua casa estava sempre cheia de gente, inclusive de fora. Nos poucos momentos que tinha tempo, preferia visitar as amigas, como a Sônia, a Maria, a Marlene, entre outras vizinhas, com quem adorava ir às missas, colocar o papo em dia, tomar um cafezinho e lanchar, fazendo jus à fama de comilona que ela diz ter.

Hoje, dona Doca não benze, nem visita mais as comadres. Repete várias vezes ao dia como a vida ficou diferente depois de tudo o que aconteceu. Às vezes, se sente presa, perdida na saudade de outros tempos. Mas seu papo fácil, olhar sereno e sorriso solto ainda transmitem leveza e felicidade a quem proseia com ela. E é assim, sem perceber, que a benzedeira continua cumprindo seu destino, trazendo conforto às pessoas que estão ao seu redor.

### SEM DESCANSO



Foto: Thiago Barcelos

É difícil para José Barbosa dos Santos, de 71 anos, resgatar boas lembranças de Bento. O peito aperta quando as imagens da lama vêm à mente, levando tudo que ele construiu em 60 anos. À medida que a conversa avança, essa dificuldade revela uma saudade sem tamanho da “rotina maluca” que tinha na comunidade.

José era dono de alguns imóveis, entre casas e uma mercearia, mas era no Bar do Barbosa que a turma se

reunia para comer, beber e jogar sinuca. Durante 15 dos 30 anos do comércio, as noites de forró agitaram os moradores e os turistas mais animados. “Eu me divertia com os fregueses. Era uma amizade danada”, lembra José.

O expediente acabava na madrugada, mas não para o comerciante. Quando colocava a cabeça no travesseiro, era comum a campainha tocar e alguém pedir carona até o hospital de Mariana, onde passava o restante da noite cochilando dentro do carro até a consulta terminar. “Eu até mandava bater na casa de outras pessoas, mas ninguém topava. Eu ia lá e levava. Todo mundo podia contar comigo”, comenta.

A mesma dificuldade de falar sobre o passado, José tem em imaginar o futuro, mas se impressiona com o próprio entusiasmo ao descrever como deseja a nova casa. “Fiz o desenho da fachada, da estrutura metálica, do beiral e da varanda de vidro que sonho ter no segundo andar. Vou acompanhar as obras e, se puder, até ajudo a construir. Quem sabe, depois disso, não tenho o descanso que mereço?”, brinca.

### CORAÇÃO DO TIME



Foto: Élcio Rocha

Ele chegou em Bento Rodrigues em 1983, quando lá havia 48 casas. Durante três décadas, esteve à frente das principais reivindicações comunitárias, o que transformou José de Nascimento de Jesus em seu Zezinho do Bento, presidente da Associação de Moradores.

O amor pela terra também se mostrou intenso pelo futebol. Seu Zezinho era jogador profissional e viu que podia contribuir com os treinos do União São Bento, liderados por Filomeno.

A convite do treinador e de outros colegas, assumiu

a presidência de 1985 a 2009, investindo seu tempo, experiência e o dinheiro que podia para melhorar o time. Jogava na linha, no gol, mas também era roupeiro, massagista e técnico. “O início foi de muito sacrifício. Montava barraquinha e vendia cachorro-quente e pão com carne moída para comprar uniforme e minha esposa lavava tudo sozinha pra gente economizar”, conta.

Um novo time de craques, reconhecidos por sua raça e respeito, foi se formando na região. A equipe disputou amistosos e campeonatos distritais, nos quais alcançou o segundo lugar por quatro vezes, além da primeira divisão da liga municipal.

Um dos momentos de maior felicidade para o ex-jogador aconteceu em 1997, quando o São Bento foi campeão pela primeira e única vez. “A torcida lotou dois ônibus para a final do distrital contra o 8 de Dezembro e voltamos com um troféu de um metro e meio de altura”, recorda. Os moradores saíram das casas e gente de todo lugar se juntou para celebrar. “Assamos um boi inteiro e compramos mais de 20 caixas de cerveja. Ficou na história”, afirma.



## EVANGÉLICOS AGUARDAM REASSENTAMENTO PARA VOLTAR À ATIVA

O último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, mostra que o crescimento da população evangélica no Brasil foi de 61,5% em 10 anos, somando um total de 16 milhões de novos fiéis. Seguindo essa tendência, Paracatu de Baixo e Bento Rodrigues, comunidades tradicionalmente católicas, viram surgir a prática de novas crenças que representam a diversidade religiosa no País.

João Roberto de Oliveira era o pastor responsável pelos louvores na Assembleia de Deus de Bento Rodrigues. João mudou-se para a comunidade na década de 80, quando conheceu a esposa, Maria Aparecida Gomes de Oliveira. Ambos eram católicos, mas sentiram uma forte sintonia com a religião graças às visitas de um pastor de outra cidade. Uma sede da igreja foi erguida no local em 1990. “Era uma paz e tranquilidade aquele

lugar”, lembra João, que logo se tornou o líder daquele grupo.

A congregação cresceu e chegou a ter 53 membros de todas as idades. Os cultos aconteciam de domingo a domingo, com encontros da mocidade, visitas domiciliares, círculos de oração e aulas sobre o evangelho para crianças e adultos. “O culto de domingo acontecia ao ar livre, com pregação e canto de hinos na praça do restaurante da Sandra, para que as pessoas ouvissem a palavra”, ele recorda.

A última cerimônia da Assembleia de Deus foi realizada no dia 4 de novembro de 2015. A lama entrou pelas portas, atingiu os bancos, o banheiro e o altar, mas a

igreja não foi destruída. “Com tudo o que a gente passou, agradeço por Deus ter nos livrado de algo pior e de ter salvado tanta gente”, afirma o pastor. Os atingidos foram levados para Mariana e o Ministério de Santa Bárbara, que coordena a igreja, achou melhor que o grupo congregasse em outro templo da cidade. Como as famílias ficaram distantes umas das outras, a maioria passou a participar de cultos mais próximos.

Pastor João conta com o reassentamento para construir um novo templo

e resgatar a união entre os irmãos. Ele decidiu não morar em Bento Rodrigues, pois a família se acostumou com o estilo de vida de Mariana. Contudo, vai continuar sua missão na comunidade. “Quem quiser voltar para a nossa igreja e tiver a oportunidade, vai ser recebido de braços abertos”, convida. Além da Assembleia de Deus, a comunidade também tinha uma Igreja Batista.

### MISSÃO EM PARACATU DE BAIXO

Três grupos evangélicos atuavam em Paracatu de Baixo: a Igreja Deus é Amor; a Assembleia de Deus,

na propriedade do Seu Agostinho; e a Igreja Batista Pentecostal Missionária, do Clodoaldo dos Santos, o pastor Du, cuja sede é em Mariana e há mais de 10 anos pregava na comunidade.

Pastor Du tinha experiência em evangelizar comunidades rurais por ter vivido em Barra Longa. Isso o aproximou da comunidade, realizando visitas aos lares e cultos em praça pública. “Quando cheguei, conversei com pessoas que estavam doentes e em dificuldades. Fui bem recebido. Quando a palavra é aceita, ela tem o poder de transformar”, relata.

As visitas e os cultos eram feitos semanalmente aos sábados ou a cada 15 dias, em caso de imprevistos. O grupo visitava as famílias e as convidava para o culto, que era celebrado às 14h, inicialmente em frente ao bar do Zé Ponte Nova, que cedia energia elétrica. Depois que o bar fechou, os louvores aconteciam nas casas dos

moradores, que abriam as portas para a pregação da palavra e o estudo da bíblia. “Os encontros chegavam a reunir até 30 pessoas. Nas casas, eram quase 15 irmãos, como a Constância, a Alexandra, a Sandra e o seu Benjamim. Fizemos batismos e até um casamento na quadra da escola”, ele descreve.

Assim como em Bento Rodrigues, o pastor Du diz que não foi possível manter o grupo unido depois da lama. “Na época, fiquei preocupado porque não conseguia encontrar as pessoas. Muitos não tinham celular e perdemos o vínculo. Somente uma família continua conosco”, esclarece. Sobre o rompimento, o pastor acredita que nada acontece sem a permissão de Deus. “A bíblia nos mostra catástrofes anunciando o fim dos tempos e este foi mais um sinal. Também foi um milagre, porque se a barragem tivesse rompido à noite, o estrago teria sido maior. Tudo que Deus permite acontecer a gente só vê o resultado lá na frente. É nisso que eu acredito”, conclui.





## A IGREJA ESQUECIDA

Por Zezinho Café, atingido de Bento Rodrigues



Foto: Keila Vardele

Fachada da Igreja Velha

A dois quilômetros de Bento Rodrigues e próxima ao antigo Morro do Fraga, existia uma capelinha na comunidade conhecida como Igreja Velha. Apesar do apelido, ela era a mais nova do subdistrito, com cerca de 160 anos de construção. Seu nome verdadeiro era Igreja de São Roque e assim foi chamada porque o dono das terras onde se encontrava era um grande devoto do santo.

Quando Laudelina era viva,

a dona Lalá, que morreu aos 106 anos, contava que a igreja era pouco frequentada porque ficava no meio do mato, bem longe da casa dos fiéis. Antigamente, suas portas se abriam uma vez por ano, no dia de São Roque, em 16 de agosto, quando aconteciam missas em homenagem ao padroeiro dos inválidos e dos cirurgiões.

Nos últimos 30 anos, porém, com a falta de manutenção do espaço, nem as celebrações aconteciam mais. A construção se tornou apenas uma referência na trilha que levava até uma lagoa próxima, onde as pessoas costumavam pescar. Foi assim que a Igreja Velha foi ficando cada vez mais abandonada até o telhado vir abaixo,

restando apenas as ruínas das fortes paredes feitas de pedras que, inclusive, ficaram de pé após a passagem da lama.

Dona Lalá também dizia, assim como outros antigos, que a Igreja Velha guardava um mistério. Reza a lenda que há um pote de ouro escondido em suas terras. Ele foi enterrado junto com o corpo de uma escrava assassinada por seu senhor porque teria descoberto um grande segredo. Para servir de lição, o senhor ordenou que seu espírito fosse condenado a proteger eternamente o tesouro. Assim, toda vez que alguém se aproximasse dele, o pote mudaria de lugar. É por isso que ninguém nunca o encontrou. Será que esse tesouro existe mesmo? Fica a dúvida!

### FALE COM A GENTE



0800 031 2303



[fundacaorenova.org/fale-conosco](http://fundacaorenova.org/fale-conosco)



[youtube.com/fundacaorenova](https://youtube.com/fundacaorenova)



Rua Dom Viçoso, 236/242  
Centro | Mariana



[instagram.com/fundacaorenova](https://instagram.com/fundacaorenova)



[facebook.com/fundacaorenova](https://facebook.com/fundacaorenova)



[faleconosco@fundacaorenova.org](mailto:faleconosco@fundacaorenova.org)

[ouvidoria@fundacaorenova.org](mailto:ouvidoria@fundacaorenova.org)